

“NA MINHA IMAGINAÇÃO EXISTE!” – A BIBLIOTECA COMO LUGAR DE EXPRESSÃO, FRUIÇÃO E ESCUTA DAS MANIFESTAÇÕES INFANTIS.

Nazareth Salutto – Puc-Rio
Nábia Bokehi – CEI Jabuti
Silvia Néli Barbosa – Puc-Rio

Resumo

Este texto versa sobre a formação do leitor criança na educação infantil envolvendo a utilização do espaço da biblioteca, seu acervo, sua organização e sua dinamização. A partir de observação e registros reflexivos sobre a prática com as crianças na biblioteca envolvendo práticas de leitura, o livre manuseio dos livros e outros materiais, a seleção, composição e atualização do acervo da biblioteca, além de registros fotográficos, o texto apresenta um olhar crítico sobre o trabalho com a literatura no espaço da biblioteca para crianças na educação infantil.

Palavras chave: biblioteca – Educação Infantil – formação do leitor – crianças

Résumé

Cet article analyse la formation de l'enfant lecteur dans l'éducation de la petite enfance impliquant l'utilisation de l'espace bibliothèque, sa collection, son organisation et sa dynamique. De l'observation et des enregistrements de réflexion sur la pratique avec les enfants dans les pratiques bibliothèque de lecture impliquant la manipulation de livres gratuits et d'autres matériaux, la sélection, la composition et les ressources de la bibliothèque de mise à jour, et des documents photographiques, le texte présente un regard critique sur l'utilisation de la littérature dans l'espace de la bibliothèque pour les enfants dans l'éducation de la petite enfance.

Mots-clés: bibliothèque - Early Childhood Education - formation du lecteur – enfants

Introdução

A iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas, é mais que preparar o leitor para a decifração das artimanhas de uma sociedade que pretende também consumi-lo. É mais do que a incorporação de um saber frio, astutamente construído. Ensinar a leitura é convocar o homem para tomar da sua palavra.
Bartolomeu Campos Queirós (2012, p. 92)

Este artigo tem como objetivo apresentar uma experiência com a Biblioteca de uma escola de educação infantil privada. Normalmente, na escola, a sala de aula é o lugar privilegiado para as propostas. Poucos são os espaços alternativos destinados ao uso coletivo. Como pensar um espaço destinado à biblioteca em uma escola? Será que a biblioteca é apenas um espaço que guarda um acervo específico? Basta escolher e comprar livros e organizá-los no espaço? Construir a biblioteca em uma escola é muito mais que pensar um espaço, é materializar uma ideia, um desejo, um sonho. A experiência de muitos leitores mostra que um livro pode disparar esses sentimentos. Mas, será que nos é permitido sonhar, imaginar, fantasiar quando entramos em contato com os livros em uma biblioteca dentro da escola? E se é uma escola de educação infantil, há alguma especificidade para essa proposta? É possível propor a leitura literária na escola sem escolarizá-la.

Soares (2006) afirma que, ao entrar na escola, o livro já está escolarizado, cabendo indagar como se dá a sua escolarização. A questão se aplica a todos os objetos e produções culturais e sua relação com a escola. Entretanto, a negatividade que as palavras escolarização, pedagogização, didatização carregam, tem minimizado e até mesmo destituído da escola sua importância na amplificação cultural de crianças e jovens. Esta negatividade dos termos fica ainda mais contundente quanto se trata de Educação Infantil, já que as especificidades do trabalho desta etapa educacional-centrado nos eixos da brincadeira, das interações e, portanto, da linguagem e suas diferentes manifestações e expressões - não se alinham às representações que se tem de escola.

Estas perguntas fazem emergir outras questões: como organizar um acervo e oferecê-lo de forma instigante e estimulante para as crianças sem que este acervo esteja a serviço de algo? Como apresentar os livros para crianças bem pequenas? Muitas vezes aproveita-se o desejo e interesse das crianças pela história que em seguida são aprisionados na ideia de passar conhecimentos, informações ou em moralizá-las (CORSINO, 2003). Tempo e espaço de fruição, será que esta pode ser a proposta para a biblioteca? Será esse um espaço para a criança tomar da sua própria palavra?

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil¹ (BRASIL, 2009), o cotidiano das crianças nas creches e pré-escolas está comprometido

¹ DCNEI, 2010; Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso junho de 2013.

com a organização de espaços acolhedores, desafiadores, saudáveis e inclusivos, que promovam o contato com equipamentos culturais, entre eles os livros de literatura.

As crianças pequenas descobrem desde cedo, quando em contato com a cultura, que ao abrir um livro muitas emoções e sentimentos são evocados, e que muitas coisas podem acontecer. A imaginação e a fantasia são, acima de tudo, instrumentos imprescindíveis para que crianças e adultos embarquem em uma viagem carregada de sentidos, indo além do que é escrito e do que é lido. São embalados por um jogo, muitas vezes poético e lúdico, o qual tem como regra a brincadeira com as palavras, com as ilustrações, ou na interface entre essas duas linguagens. O livro tem cheiro, cor, textura e, depois de escrito, a interpretação não é mais do autor, mas sim de quem o lê (BAKTHIN, 2003). O leitor é livre para compreender, interpretar, alçar voos.

A biblioteca gera leitores. Leitores questionadores, que são autorizados a imaginar e a criar suas próprias histórias. Esse é um caminho fértil para a autoria e para que esse processo aconteça faz-se necessária a presença de mediadores. No caso da escola, os professores ocupam esse lugar, pois têm compromisso direto com a formação de leitores.

O início da biblioteca dessa escola de Educação Infantil tem origem nas leituras de uma avó que planta no coração da neta o desejo de compartilhar essa experiência de afeto e ampliação de mundo. A escola, inaugurada em 1985 em um prédio pequeno, não teve espaço para esse sonho. Em 1995, a aquisição de um novo prédio possibilitou a realização do que fora acalentado nas leituras de infância.

A preocupação com o acervo trouxe consultorias realizadas com donas de livrarias e editoras, a fim de garantir um trabalho de qualidade. A renovação e atualização dos títulos estiveram sempre em pauta ao longo destes anos, afirmando o cuidado e investimento em que esse seja um espaço para/das crianças. Houve época de ter que se decidir entre ter uma nova turma ou continuar com a biblioteca: os votos validaram a sua permanência. Inicialmente, professores dividiam a função de estar à frente de um grupo de crianças com a mediação e organização da biblioteca. Em 2012 e 2013 foi contratada uma bibliotecária que manteve o acervo organizado. Ainda em 2013, a necessidade de alguém com visão de dinamização da biblioteca e também de educação infantil trouxe um profissional especializado para essa função. Assim, através da apropriação do acervo, observação das crianças e profissionais da escola, tem sido

desenvolvido um trabalho de parceria, identificando e atendendo as demandas de se manter a biblioteca “viva” e dinâmica.

Atualmente no acervo dessa biblioteca constam aproximadamente 1.100 títulos, divididos entre narrativas simples, contos clássicos, poesia, teatro e música, folclore e lenda, biografias, livro imagem, livro brinquedo, informativo e de pesquisa.

Ao longo desses anos, muitos autores e ilustradores foram convidados e são presenças marcantes nas nossas Feiras de Livro, como Roger Mello, Fátima Miguez, Sônia Rosa, Mariana Massarani, Bia Hetzel, Regina Nemer e outros. Com a mesma frequência as crianças participam da FNLIJ (Feira Nacional do Livro Infante Juvenil). Normalmente, nas visitas feitas à FNLIJ, crianças e professores entram antecipadamente em contato com o livro e biografia do autor ou ilustrador que irão encontrar no evento para uma entrevista. As crianças elaboram perguntas, interagem e aproveitam o máximo desses encontros. As trocas com esses autores e ilustradores do universo literário, estabelecidas com as crianças, profissionais da escola e pais, contribuem para a formação de nossos leitores.

Essa experiência foi motivadora para a construção deste texto, no qual serão ressaltados os caminhos para a aquisição de um acervo e espaço que dialoguem de forma qualitativa com o público infantil. Para tanto, discutiremos as concepções de biblioteca e de leitor na educação infantil; concepção de acervo e sua catalogação; e possíveis práticas e interações na biblioteca.

1. Concepções de biblioteca e de leitor na educação infantil

Tanto o comércio de livros quanto a inauguração da primeira biblioteca pública remontam o tema à cultura greco-romana. Isso fala da relação entre o homem e o livro como algo que celebra uma interação milenar. Talvez porque, como afirma Bartolomeu Campos de Queirós,

A leitura guarda espaço para o leitor imaginar sua própria humanidade e apropriar-se de sua fragilidade com seus sonhos, seus devaneios e suas experiências. A leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos (QUEIRÓS, 2012, p. 75).

Ao discutir a função da biblioteca e a formação do leitor na educação infantil o que surge em primeiro plano são determinadas especificidades das práticas em torno dos livros e das leituras com as crianças e, também, do papel da biblioteca nesse contexto. Essas especificidades trazem indagações: como constituir esse espaço considerando as

particularidades e demandas do público que recebe? O que deve compor o material e o acervo de uma biblioteca na educação infantil? Como viabilizar um espaço que congregue função comunicativa e cultural (CASTRILLÓN 2011; CORSINO, 2010) às manifestações e movimentos típicos das crianças dessa faixa etária e à formação do leitor?

Nesse sentido, a biblioteca é compreendida como lugar de relações: das crianças com outras crianças e os adultos, mediadas pelo suporte livro, pela palavra escrita. Nas relações, leituras, diálogos e brincadeiras provocados pelos livros, as palavras e os textos, sua estética e seu estilo, entram numa corrente viva de significações e produções de sentido que perpassam o trânsito entre o real e o imaginário, substituindo a relação pragmática e utilitária. Isso acontece entre as elaborações e relações que as crianças estabelecem a partir das leituras que realizam, o que é perceptível na situação registrada abaixo, na qual a fala de uma criança dá nome ao título deste trabalho:

O grupo 5² chega à biblioteca animado e logo as crianças espalham-se pelo espaço, individualmente ou em dupla, e selecionam livros para lerem. Nesse dia, não havia atividade combinada com a dinamizadora. Um grupo de quatro meninos partilha a leitura do livro Planetas³. Num diálogo dinâmico, as crianças passam as páginas trocando informações, nomeando os planetas que reconhecem. Num determinado momento, ficam num impasse quanto a um dos planetas, que não reconhecem imediatamente. Nesse momento um deles diz: “Já sei! É o planeta Arte!”; outro colega afirma: “Isso não existe, planeta arte!” ao que ele responde: “Mas na minha imaginação existe!”. Viram a página e continuam a conversa sobre o livro (Caderno de planejamento da dinamizadora. 11/11/13).

Na situação acima, a biblioteca proporciona um encontro com a liberdade de trazer para si o livro como lugar de criação. Diante do impasse frente a uma ilustração desconhecida – que planeta afinal, seria aquele? – um dos meninos sente-se seguro e autorizado a nomeá-lo de acordo com a sua imaginação. O diálogo continuou e seguiram adiante na exploração do livro. Poderíamos pensar que essa é uma cena corriqueira de crianças que estão familiarizadas com o manuseio de livros e outros materiais escritos. No entanto, ir à biblioteca, (espaço que frequentam algumas vezes na semana, com atividades proposta ou de maneira livre) e encontrar os livros organizados de forma específica, presentes no mesmo lugar, permite às crianças, além da familiaridade com a forma de organização – o livro citado encontra-se na parte de livros

² Nessa escola, as crianças são organizadas por grupos. O Grupo 5 é de crianças de 5 anos de idade.

³ Estrelas, planetas e foguetes. ESPAÇO. Uma viagem pelo universo de tirar o fôlego. Editora Caramelo – livros educativos.

catalogados como pesquisa-informativo – convocar e agregar o grupo. A biblioteca passa a ser lugar de encontro, de diálogo, de troca, de partilha; ganha vida ao abrir suas portas para as interações entre as crianças e os diferentes livros que ali se encontram. Interações promovidas por diálogos, mediações que provocam ampliações. A liberdade para imaginar é também a liberdade para ser, para constituir-se sujeito no mundo pois, *a leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos.*

Para Castrillón (2011), pesquisadora atuante sobre a discussão e proposições para a constituição de bibliotecas públicas na Colômbia, a biblioteca deve constituir-se como lugar de informação, relação entre o global e o particular e, também, de valorização da palavra escrita. Ou seja, além de ter a função de congregar o acervo de uma dada instituição, precisa tornar-se um lugar de comunicação, de diálogo, de troca de experiências, de relação crítica com a palavra escrita e seu suporte, sejam os livros, os jornais, as mídias etc.

A perspectiva de pensar a formação do leitor no espaço da biblioteca também condiz com as orientações legais para a Educação Infantil. No entanto, necessita articular-se de forma distinta da de uma biblioteca destinada a crianças e jovens de outros segmentos educacionais.

No que tange à especificidade do trabalho com o livro e a leitura na Educação Infantil, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI – (BRASIL, 2009), no seu Art.8, as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem garantir experiências que:

favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos (p.25).

A explicitação no documento de que a linguagem escrita de diferentes gêneros e suportes deve fazer parte das propostas pedagógicas da Educação Infantil, coloca o livro e a leitura como integrantes desse cotidiano. O documento salienta as interações e as brincadeiras como eixos do trabalho pedagógico e determina a necessidade de serem consideradas as especificidades das crianças nessa etapa educacional.

De acordo com Kramer (2010), ainda não há consenso sobre as formas de abordar as práticas de livro e leitura na Educação Infantil, porque a base dessas propostas tem como referência as práticas do Ensino Fundamental. Assumir a dimensão

do trabalho com os livros e a leitura na Educação Infantil não significa antecipar aprendizagens formais da língua (como sistematizar o ensino do código alfabético), mas favorecer a imersão das crianças em práticas sociais em que a língua escrita se faça presente de forma significativa. O contato com o livro pode e deve promover interações, nas quais as crianças possam estabelecer relações e produzir sentido.

O Parecer CNE/CEB nº 20/2009, que tem como finalidade a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, pontua que o trabalho com a leitura, os livros e a escrita na primeira etapa da Educação Básica precisa ter como foco a intensa e significativa relação com as diferentes linguagens, tendo como centralidade o acesso a produções literárias de qualidade que contemplem projetos gráficos, variações de estilos (trava-línguas, poesias, narrativas, contos etc.), autores, ilustradores etc. Também indica que seja contemplado o contato com narrativas orais e escritas, nas quais a brincadeira com as palavras seja a tônica; que as crianças tenham acesso à língua escrita por meio de práticas organizadas, significativas, lúdicas e que também possam ampliar suas experiências, já que se constitui direito das crianças pequenas que tais ações se sustentem em práticas, espaços e tempos de qualidade. Tais pontuações se efetivam qualitativamente na convergência entre livros, suportes e as mediações entre eles, as crianças e os espaços-tempos a eles destinados.

No que tange ao livro e à leitura no cenário atual da Educação Infantil, observa-se, por um lado, a defesa do acesso a livros literários diversificados e o direito à formação do leitor, desde a creche (DCNEI, Brasil, 2010) e, por outro, os limites da efetivação das políticas que esbarram em concepções equivocadas e também na ausência da democratização do acesso ao livro para as crianças pequenas.

Outro ponto que vale o destaque é a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino públicas e privadas no país, até 2020. Entendemos que, como instituição educativa, também nas creches e pré-escolas:

“será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação desse acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares”⁴.

⁴ Ver em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm. Acesso em junho de 2013.

Na letra da referida lei, o Art. 2º indica que: “considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura”. Esta concepção ampliada de biblioteca no mundo contemporâneo, que não se limita ao livro impresso, evidencia ainda mais a necessidade de um espaço específico para dispor os acervos e equipamentos que, à medida que a escola passa a receber maior quantidade de obras e outros materiais, também necessita de mais organização para controle, manutenção, dinamização etc. A lei nº 12.244 aponta desafios para a Educação Infantil tanto na adequação do espaço, dos materiais e acervos, quanto nas práticas entre adultos e crianças, crianças e crianças e acervo, no espaço da biblioteca.

No contexto deste artigo, buscou-se articular a dimensão legal – que apóia e ratifica as apostas do trabalho realizado – ao contexto das práticas que vêm sendo realizadas na biblioteca da instituição em questão.

Ao levarmos em conta as manifestações das crianças, seu potencial imagético e criador, como também a brincadeira e as interações como base para as práticas pedagógicas na educação infantil, a ideia da biblioteca escolar integrada com a sala de aula para o desenvolvimento do currículo escolar, funcionando como centro de recursos educativos (BRASIL, 2007) precisa ser repensada:

Concentrar nossa atenção nos ambientes em que se realizam as atividades ligadas à linguagem, especialmente no que se refere à leitura e escrita, decorre de um modo de pensar que concebe o espaço físico não como mero cenário (...) o espaço físico e seus componentes, onde ocorre a ação pedagógica, também estabelecem um diálogo intenso com cada participante, propondo imagens e acionando o repertório cultural de quem ali se faz presente (SILVA, FERREIRA e SCORSI, 2009, p. 57).

O espaço – sua estética, a maneira como está organizado para receber, os livros, as crianças e os adultos – ao propor imagens e acionar o repertório cultural dos seus usuários, funciona como o primeiro elemento que convoca e agrega para o momento de leitura, do manuseio do livro, das trocas e relações estabelecidas com e a partir desse elemento da cultura.

Desse modo, buscamos, nos próximos tópicos, levantar algumas reflexões críticas sobre as mudanças no espaço da biblioteca em questão. Como o impacto dessas transformações (na organização e dinamização do acervo), além de alguns apontamentos sobre possibilidades do trabalho realizado na biblioteca, vêm produzindo

e reverberando nas práticas com e a partir da literatura e na formação do leitor dessa instituição de educação infantil. Uma, entre muitas e diversas possibilidades.

2. Concepção de acervo: seleção, atualização e catalogação

A palavra acervo, de origem latina, traz a ideia de “grande quantidade”. No contexto da constituição de bibliotecas – sejam das mais antigas e tradicionais até as concepções mais modernas, como as Parques Bibliotecas⁵ - o acervo, junto com outros elementos (mobiliários, etc.), é um dos elementos que compõe a materialidade do espaço para e na formação de leitores. Para Nóbrega (2002)

Os acervos são, mais do que *lugares de memória, lugares de signos*. Nesse sentido, e repetindo, *acervo* é um termo utilizado não só para nomear uma concretude evidente – a biblioteca, o museu, o arquivo – mas, principalmente, para assinalar a ação que aí acontece. Compreende-se também um lugar, um território, noção muito mais ampla do que a simplesmente espacial (p. 125-126).

Pensar o espaço da biblioteca como um território envolve mais do que a ideia de quantidade. No que se refere à reflexão sobre a biblioteca escolar e sua função na educação infantil, a questão diz respeito tanto a conhecer as crianças para as quais esse acervo se destina e ter critérios explícitos sobre o que é um livro de qualidade⁶, quanto a valorização e organização desse acervo para que esteja disponível para as crianças. E mais, além disso, é preciso assinalar as ações que ali acontecem, que devem dialogar com os sentidos produzidos pelas crianças.

Organização do acervo:

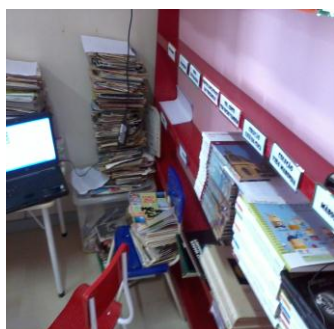
Uma biblioteca de uso constante das crianças precisa levar em conta as necessidades desse universo leitor. As páginas marcadas pelas mãos das crianças, alguns rasgos aqui e ali, eram indícios de um uso constante. Se o uso é constante, a organização também deve ser cotidiana e de todos. Por isso, é preciso saber o que se tem e em que estado está.

Assim, o primeiro passo para potencializar a utilização da biblioteca foi a reorganização do acervo. Nesse período, os livros encontravam-se organizados em estantes que não davam plena visibilidade e acesso aos mesmos. Inicialmente, foi feito o

⁵ Para maiores informações ver Castrilon (referência na bibliografia).

⁶ Sobre a qualidade dos livros de literatura infanto-juvenil, ver: ANDRADE, L. e CORSINO, P. (orgs.). Critérios para a construção de um acervo literário para as séries iniciais do ensino fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE. In: PAIVA, A. M. *et. al* (orgs.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2007, p.79-91.

levantamento de todo material e do seu estado, consertando o que era preciso, conforme explicitamos nos registros fotográficos a seguir:



Registro fotográfico 1 – Julho de 2013 (nova catalogação dos livros)



Registro fotográfico 2 - Agosto de 2013 (reorganização dos livros nas estantes)

A catalogação do acervo: legendas e texto

Em seguida, foi proposta uma nova catalogação do acervo de modo a dar maior visibilidade aos livros, seus gêneros e outras especificidades. A princípio o acervo estava separado por autor e/ou editora. Essa identificação estava acessível aos adultos, mas distante das crianças, o que levou à busca por algo que fizesse sentido para elas. Embora algumas crianças já possam ler textos, a maior parte ainda lida com o universo das imagens como referência. Com isso veio a ideia de catalogar os livros através de imagens que apontassem os diferentes gêneros literários, colhidas dos próprios livros.



Registro fotográfico 3 – Agosto de 2013 (legendas: ilustrações e texto)

Depois de terminado o processo, as crianças folheavam os livros e identificavam as imagens das legendas, o que trouxe a certeza de que as crianças poderiam ter sido envolvidas na escolha dessas imagens. No entanto, o tempo para isso seria bem maior do que o então disponível.

O espaço:

Salutto (2013) defende que a creche e a pré-escola sejam equipadas com uma biblioteca⁷. Para tanto, segundo a autora, é necessário que a organização desse espaço, bem como de seu acervo e materiais, dialoguem com os movimentos das crianças de diferentes idades. Ou seja, que a biblioteca constitua-se como espaço que congrega um acervo de livros (que variem em gêneros, estilos, projetos gráficos, autores, ilustradores, etc), bem como materiais que favoreçam e estimulem às crianças a recriarem, dramatizarem diálogos e textos a partir da leitura/escuta de histórias. Algumas ideias apontadas pela autora foram direcionadoras dessa organização:

Nesses espaços os livros podem ser acomodados em caixas, caixotes, estantes e outros suportes; podem/devem ser renovados/trocados constantemente. Uma biblioteca na creche pode concentrar todo o acervo literário da instituição e outros textos e suportes, o que não dispensa os cantos de leitura das salas, organizado de forma acessível para as crianças. A reunião do acervo permite a guarda, a catalogação e organização e também a reunião das obras. A reunião dá possibilidades de se criar novos arranjos para dispor os livros em caixas e cestas a partir de classificações várias. O espaço, desse modo, torna-se lugar de experiências de leitura, de relação e interação com os livros (...) (SALUTTO, 2013, p. 176).

Com a nova organização, o espaço foi alterado e as turmas passaram a frequentar a biblioteca depois de um tempo de recesso. O desafio foi envolver as crianças nessa nova proposta ao mesmo tempo em que se buscava compreender os sentidos e usos que davam à nova configuração da biblioteca. Essa experiência foi fruto de diálogo com as professoras e coordenação, construída com base em reflexões sobre a prática (da própria escola, bem como de outras, como referência) e, também, na observação dos movimentos das crianças. A nova catalogação dos livros, por exemplo, poderia/pode ser algo partilhado e negociado com as crianças. No entanto, como dito anteriormente, era preciso otimizar o tempo para a reabertura da biblioteca. O que não impede que alterações e mudanças sejam feitas. Por exemplo, a partir das inserções e relações que as crianças vêm estabelecendo, tem sido possível levantar outras questões que, futuramente, resultarão em novas alterações que visem qualificar a biblioteca e seu papel na formação das crianças como leitoras.

Como complemento dessa potencialização, a partir de fevereiro de 2014, o espaço da biblioteca foi reformulado de maneira mais pontual:

⁷ A autora assinala a perspectiva de uma biblioteca e não outros nomes como bebeteca. Para maior desdobramento ver o trabalho completo que se encontra na bibliografia no final do artigo.



Registro fotográfico 4 – Setembro de 2013



Registro fotográfico 5 – Março de 2014⁸

Tínhamos uma ideia do projeto, mas o resultado final superou as expectativas. A biblioteca passou a ter as paredes claras e estantes de cor neutra de modo que os livros estivessem ainda mais no centro da cena. O acesso aos livros também foi otimizado por estantes que ocupam menos espaço e ao mesmo tempo favorecem a organização dos livros de modo que as crianças tenham maior acesso ao seu manuseio.

Os livros saltaram para o primeiro plano e novas relações foram propiciadas. As alterações não ficaram despercebidas pelas crianças e nem pelos adultos que passavam pela biblioteca e teciam comentários positivos quanto à nova organização, cores das estantes, das paredes, etc. Uma das crianças, ao entrar com sua turma e sentar-se na roda afirmou:

Nossa! Essa biblioteca está toda diferente! (S., 4 anos)

Essa nova organização é um exemplo de como o acervo diz respeito a mais do que contar o número ou explicitar a diversidade dos livros de uma biblioteca. As estantes e o que elas proporcionam interferem na qualidade do uso desse acervo e, especialmente, no sentido que se dá à totalidade do espaço e sua materialidade.

A preocupação com a organização da biblioteca e seu acervo subentende a compreensão de que a *iniciação à leitura transcende o ato simples de apresentar ao sujeito as letras que aí estão já escritas*. A biblioteca como lugar que acolhe e propicia as manifestações das crianças humaniza o leitor deixa de ser espaço de consumo, de *incorporação de saberes*, para ser território das invenções infantis.

Considerações finais

⁸ Os nichos construídos no alto acolhem os livros que não estão disponibilizados nas estantes, mas que, de acordo com as propostas de dinamização da biblioteca, farão parte de um rodízio constante.

Diante do que foi discutido neste texto, a proposta de formação do leitor na educação infantil pode contemplar uma biblioteca que atenda aos anseios e manifestações infantis, na qual as crianças possam conhecer mais sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o que acontece à sua volta. Interrogar o mundo e a si mesmo implica ter lentes sensíveis, e a leitura literária em espaços de qualidade ampliam essa possibilidade, pois *a leitura acorda no sujeito dizeres insuspeitados enquanto redimensiona seus entendimentos*. A responsabilidade é grande. É preciso ter sensibilidade. Sensibilidade para organizar o espaço, escolher onde e como colocar cada livro; sensibilidade para selecionar histórias, poesias, parlendas, trava-línguas, livros de pesquisa; sensibilidade para transformar o espaço em lugar de expressão, de fruição; espaço de fala, de escuta, de leitura.

Também é necessário que haja escuta das vozes das crianças – quais são suas escolhas? O que mais as atraem e convocam no espaço? – A partir de suas movimentações e interesses, o espaço pode ser qualificado, alterado e expandido no sentido de produzir efeitos estéticos e de diálogo entre as crianças, os livros e a cultura.

Ao longo do trabalho buscamos salientar que é permitido sonhar, imaginar, fantasiar quando entramos em contato com os livros em uma biblioteca dentro da escola. Essa postura substitui a relação pragmática e utilitária, instaurando a produção de sentidos como base para o trabalho pedagógico na formação do leitor. A biblioteca, como lugar de encontro, de diálogo, de troca, de partilha, de acolhimento das crianças e suas interações.

Enfim, a biblioteca como espaço que convoca, atrai, instiga e convida ao contato com os livros envolve tanto a qualidade do acervo quanto a forma pela qual esse acervo é apresentado diante dos olhos do seu público. Que seja, então, para as crianças e adultos que interagem no cotidiano da educação infantil, espaço que convoca a todos a *tomarem da sua própria palavra*.

Referências Bibliográficas

- BAHKTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL/MEC/SEB/CNE; **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB/CNE, 2009.
- BRASIL/MEC/SEB/DADSE. **Biblioteca escolar**. Brasília: MEC/SEB/DADSE, 2007.
- CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.
- CORSINO, Patrícia. **Infância, Linguagem e letramento: educação infantil na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil**: possibilidades e ampliações. In: Paiva, Aparecida (org.). Coleção explorando o ensino. **Literatura**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação básica, 2010a, p. 183-204

KRAMER, Sônia. **O papel da Educação Infantil na formação do leitor**: descompassos entre as políticas, as práticas e a produção acadêmica. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 111-133.

NÓBREGA, Nanci. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, Eliana (org.). **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

PIMENTEL, Graça (Org.). **Biblioteca escolar**. Brasília: MEC/SEB/DADSE, 2007.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

SALUTTO, Nazareth. **Leitura literária na creche: o livro entre texto, imagens, olhares, corpo e voz**. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, PPGE-UFRJ, 2013.

SILVA, Lílian Lopes Martin da; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida; SCORSI, Rosalita de Ângelo. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: JUNQUEIRA, Renata (org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura literária. In: EVANGELISTA, BRANDÃO E MACHADO (orgs). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica: 2006.